

## FLORIANÓPOLIS NO PALCO REVISTEIRO

*Vera Collaço (UESC)*

GT: Teorias do Espetáculo e da recepção

Palavras-chave: Teatro de Revista; Florianópolis; História do Teatro

*Da Terra de Santa Cruz,  
Deste colosso Brasil,  
Sou a mais pobre das filhas,  
Mas sou mimosa e gentil.*

O verso acima elabora uma representação de Florianópolis segundo a perspectiva do escritor catarinense Nagib Nicolau Nahas (1898-1934), na sua revista *A Ilha dos Casos Raros*, escrita e encenada em 1927, em Florianópolis. Esta revista de Nahas é um exemplo de uma produção de Teatro de Revista que ocorreu em Florianópolis ao longo da década de 1920 e que se extinguiu no início da década seguinte. De 1920 a 1927 foram escritas e encenadas 20 revistas, produzidas por um total de 12 escritores da cidade. Estes escritores – professores, jornalistas e funcionários públicos – compunham as figuras de destaque no cenário intelectual da ilha e faziam parte das duas agregações de poetas e escritores locais: a Academia Catarinense de Letras e o Centro Catharinense de Letras.

A motivação desses jovens, na década de 1920, para a escrita teatral pode ser encontrada na ausência de editoras em Santa Catarina para imprimir suas obras. Então, esses escritores encontraram no teatro um meio privilegiado de dar visibilidade ao seu trabalho e, com isso, de certa forma, justificar sua presença e até permanência na academia de letras. Quanto à escolha do gênero revista para sua escrita teatral, o próprio período histórico fundamenta esta opção, como observa Neyde Veneziano (1996:63): “Durante as três primeiras décadas do século, centenas de revistas foram produzidas. A febre tomava conta do público e brotavam, por toda parte, mais e mais novos revistógrafos. O Teatro de Revista atingia a sua maioridade”. Neyde (1996:63) qualifica esse período de “a fertilíssima década de 1920”. E o mesmo adjetivo pode ser aplicado à escrita teatral em Florianópolis, pois foi um período único de concentração de tantos escritores elaborando obras de um mesmo gênero teatral. Outro aspecto que pode fundamentar essa motivação, imbricado com este segundo motivo, está na constante vinda de companhias de revistas e operetas a Florianópolis – muito apreciável pelo público local. Além do que, deve-se ressaltar que esses jovens, pelo menos os mais abastados, costumavam freqüentar os teatros no Rio de Janeiro, seu referencial constante e modelo a ser seguido.

O palco do Teatro Álvaro de Carvalho, então o único de Florianópolis, não conheceu as grandes companhias de revistas do Rio de Janeiro, mas por ali passaram, e com freqüência, em

“turnê” pelo sul do país, grupos como a *Companhia Nacional Arruda*, a *Companhia de Revistas e Comédias Ribeiro Cancelli*, a *Troupe Chocolate*, a *Companhia de Revistas e Burletas Leoni Siqueira*, entre outras. Essa escrita teatral tornou-se, portanto, familiar a esses escritores que, dessa forma, adquiriram certo domínio da carpintaria dramática do teatro de revista, o que facilitava a escrita e a sua aceitação por parte do público, cuja recepção, segundo a crítica jornalística local, era das mais prazerosas e constantes.

O Teatro de Revista produzido em Florianópolis ao longo da década de 1920 é meu atual objeto de pesquisa. Nesta comunicação apresento aspectos analisados na revista *A Ilha dos Casos Raros*. Observo que o resgate desses textos, da década de 1920, tem sido a maior dificuldade dessa pesquisa. Até o momento conseguimos resgatar apenas duas revistas, de um total de vinte escritas e encenadas pelos escritores de Florianópolis. E chamo a atenção que os denomino escritores e não dramaturgos, pois a grande maioria desses jovens não tinha uma vinculação direta com o palco. Eram, antes, escritores de romances, contos e poesias. Apenas uma minoria tinha uma vivência do palco, como amador, tal como Nagib Nicolau Nahas, Dante Natividade e Clementino de Brito – este último, um jornalista, foi quem iniciou a escrita deste gênero em Florianópolis.

Como o próprio título da revista, *A Ilha dos Casos Raros*, já deixa explícito, a cidade, ou seja, Florianópolis – a ILHA – é a personagem central do texto. O que sem dúvida não é uma novidade. Pelo contrário, significa a assimilação de características do gênero por parte desses escritores, dado que a cidade e seus tipos eram dominantes nesse gênero teatral desde o século XIX, nas Revistas de Ano. Ou seja, como coloca Delson Antunes (2004:16), a revista “trazia o debate das ruas para os palcos”.

A centralização dramática do Teatro de Revista na cidade, segundo Flora Süssekind (1986:17), significava: “Trazer à cena o espaço público, cenário e protagonista desses espetáculos onde se celebravam anualmente as transformações urbanas e o desejo ou temor da modernização”. As cidades, nossos portos seguros ou amedrontadores, como coloca Italo Calvino (1990:44), são “como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seus discursos seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”.

Ao partirmos dessa compreensão da primazia pela cidade como personagem central do teatro de revista, podemos reafirmar e reformular a pergunta elaborada por Lynn Hunt (2001:22) ao trabalhar a temática da representação na História Cultural: O que faz um teatro de revista, e como o faz? Qual a relação entre o teatro de revista e o mundo que ele representa? E com essas questões, retomo o texto de Nicolau Nagib Nahas, *A Ilha dos Casos Raros*, para trazer à tona a representação da cidade construída pelo dramaturgo nesta revista.

No poema de abertura desta comunicação, apresentei um verso de Nahas abordando Florianópolis, por ele construída como uma das mais pobres cidades do país, certamente como

uma das mais pobres das capitais do país. Ao longo do texto, ele vai apontar as possíveis razões desse descaso e empobrecimento da cidade, pontuando com muita frequência a má gestão da coisa pública, a política, eleições fraudulentas, o empreguismo e a “rapinagem” como elementos que atrasam o desenvolvimento da cidade. Exemplifica-se com algumas falas das personagens:

Forasteiro: [...] Tanta gente vivendo a custa dos cofres públicos... (p.18)

Forasteiro: [...] Assim são os políticos promettendo mundo e fundos aos pobres e ingênuos eleitores que acreditam nas suas cantilenas. (p. 21)

Eleitor-Tabaré: Escreve não sê, mas voto. E vota inté quem morreu. (p. 22)

Justiça: [...] A minha Lei só se aplica aos pobres; que a gente rica jamais de mim precisou! (p. 28)

Ao lado dessas situações que dificultavam ou retardavam a entrada da cidade na modernidade, Nahas apresenta as transformações significativas pelas quais estava passando Florianópolis e as identifica como sinais dos novos tempos, impulsionadores do progresso. A cidade vinha em lento processo de transformação desde 1910, “tanto na sua arquitetura pública, na doméstica e nas grandes obras do sistema viário”. (CORRÊA, 2004:287). Entre as décadas de 1910 e 1920 se deu o saneamento do Rio da Bulha e a conseqüente construção da Avenida Hercílio Luz, e em 1926 a cidade conquistava a independência dos barcos na travessia entre o continente e a ilha, com a construção da Ponte Hercílio Luz.

Esses marcos transformadores da cidade foram exaltados na revista de Nahas, tal como comenta a personagem alegórica *Ponte*: “Sou a vida e o movimento, desta linda capital. Fui um sonho secular. Que se fez realidade!” (p. 29). Essa personagem recebeu um cenário todo especial, com muito efeito de iluminação que causou grande impacto nos espectadores, num trabalho do cenógrafo Eduardo Dias e do encenador Dante Natividade. A apoteose do 1º ato é dedicada ao governador Hercílio Luz, que construiu a ponte, e o coro, no final da apoteose, faz uma exaltação da obra: “Esta obra portentosa, esta ponte colossal, fez unir o Continente num abraço à Capital”. (p. 30).

A Avenida Hercílio Luz também mereceu, por parte do revisteiro, grandes elogios e críticas aos seus cuidados:

Avenida Hercílio Luz, plena de encantos e graças; sou eu que animo e dou vida as nossas ruas e praças. Toda ela arborizada, com farta iluminação. Da Ilha de Casos Raros sou encanto e sedução! Quem dera os bondes electricos para me dar maior vida; então terei os progressos mais próprios de uma avenida (p. 46-47).

Ilha: Avenida Hercílio Luz, que, apesar de esburacada e mal tratada, é a mais linda das nossas avenidas (p. 47).

Na brevidade aqui permitida, e a título de considerações finais, observo que o texto de Nahas trouxe para o palco os pontos mais expressivos da então pequena província, tais como: a Ponte, a Avenida Hercílio Luz, o café do Ponto Chiq, ou seja, elementos que apontavam para a modernização da cidade, num claro desejo de superar sua condição de província, tal como diz a personagem *A Ilha*: “Tudo aqui anda a passos de cágado”. O desejo de Nahas e de seus colegas escritores era apontar as belezas naturais da cidade e os entraves que a burocracia e os negligentes criavam para impedir que a cidade se abrisse para o mundo e, conseqüentemente, entrasse na era da modernidade, deixando de ser uma província.

### **Bibliografia**

ANTUNES, Delson. *Fora do Sério: Um Panorama do Teatro de Revista no Brasil*. RJ: FUNARTE, 2004.

CORRÊA, Carlos Humberto. *História de Florianópolis – Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2004.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. SP: Nova Fronteira, 2001.

NAHAS, Nicolau Nagib. *A Ilha dos Casos Raros*. 1927. Texto datilografado.

SÜSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. RJ: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

VENEZIANO, Neyde. *Não Adianta Chorar: Teatro de Revista Brasileiro... Oba!* Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.